

Relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia: Margaret Egan e Frances Henne na Escola de Chicago

Gender relationships in the epistemological constitution of Library Science: Margaret Egan and Frances Henne at Chicago School

Keitty Rodrigues Vieira

Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil; Professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8649-0765>

E-mail: keitty_rodriguesvieira@hotmail.com

Cezar Karpinski

Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil; Professor associado I da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2446-0653>

E-mail: cezark@hotmail.com

Resumo

Objetiva discutir a influência das relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia no contexto do movimento da Escola de Chicago. Aborda a história e conceito de “Epistemologia Social”, proposto por Margaret Egan e Jesse Shera, mas que se difundiu apenas como uma teoria de Shera. Destaca a atuação de Frances E. Henne, primeira mulher a compor o corpo docente da Universidade de Chicago que, mesmo sendo uma das maiores especialistas em Biblioteca Escolar, não foi reconhecida entre os nomes de destaque do movimento. Pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa a partir de fontes bibliográficas analisadas sob a perspectiva do método histórico. Os resultados discutem o cerceamento feminino no campo científico, evidencia que o protagonismo de Egan e Henne ainda não foi devidamente reconhecido e que as relações de gênero influenciaram na constituição epistemológica da área.

Palavras-chave: Relações de gênero. Biblioteconomia. Escola de Chicago. Epistemologia Social. Biblioteca escolar.

Abstract

It aims to discuss the influence of gender relations on the epistemological constitution of Librarianship in the context of the Chicago School movement. It addresses the concept history of “Social Epistemology”, proposed by Margaret Egan and Jesse Shera, but it has spread only as a theory of Shera. It highlights the work of Frances E. Henne, the first woman to compose the faculty of the University of Chicago who, despite being one of the greatest specialists in the School Library, was not recognized among the prominent names of the movement. Descriptive, exploratory and qualitative research from bibliographic sources analyzed from the perspective of the historical method. The results discuss female restraint in the scientific field, showing that the role of Egan and Henne has not yet been properly recognized and that gender relations have influenced the epistemological constitution of the area.

Keywords: Gender relations. Librarianship. Chicago School. Social Epistemology. School library.

1. Reflexões iniciais

Os estudos históricos na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira estão presentes na literatura científica da área atrelados, comumente, aos estudos epistemológicos. No entanto, pouco a pouco em nossa produção, tais estudos passaram a se debruçar sobre personagens específicos, a fim de contar a história da vida e obra destes personagens que, de alguma forma, contribuíram para o avanço da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Neste caso, é possível citar os trabalhos de Ferreira Jr. (2006), Amorim (2010), Sales (2012), Lucas, Corrêa e Eggert-Steindel (2016), Araujo (2018) e Fayet-Scribe (2018) que discutiram, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, contribuições teóricas ou metodológicas de personagens específicos.

Contudo, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, assim como outras áreas científicas, ainda são poucos os trabalhos sobre as pesquisadoras da área. Não pela inexistência de mulheres à frente do seu processo histórico, mas pela cultura que, secularmente, tem invisibilizado a atuação feminina. Nesse sentido, concordamos com Passos (2019, p. 13) quando afirma que os profissionais de nossa área não são imunes a este ambiente sócio-histórico e, conseqüentemente, “tiveram a construção de seu campo teórico pautada por uma série de fatores que favorecem a voz de um grupo social formado por personas masculinas”.

Numa perspectiva crítica a essa constatação, foi constituído, em 2019, o projeto “O tempo da Ciência da Informação”. Criado pelos discentes do Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina sob coordenação do prof. Dr. Jorge Moisés Kroll do Prado, o projeto visou a apresentação de personalidades, contextos, marcos históricos e teorias importantes na construção da Ciência da Informação, a partir de uma linha cronológica que possibilite a navegação com a utilização de hiperlinks, e com atualização colaborativa (PRADO, 2020). Como resultado da análise feita em 2020, a investigação constatou que apenas 10 mulheres são citadas como personagens importantes na construção do nosso campo científico, num espaço temporal que vai desde 1545 até os dias atuais. Este aspecto reforça a tese de que as mulheres têm sido “esquecidas” pela sociedade científica da nossa área, o que deslinda um processo que precisa ser melhor investigado no campo das relações de gênero.

Por relações de gênero, neste artigo, adotamos a definição de Scott (1995), de que o “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre

os sexos”, e que este é “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Sendo assim, assumimos a compreensão de que as relações sociais que secularmente relegam as mulheres à submissão masculina podem ser um indício da invisibilidade feminina no campo histórico e epistemológico da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Isso porque, como veremos adiante, não faltam exemplos de atuação e protagonismo feminino neste campo de análise, porém, suas trajetórias não figuram ainda de forma igualitária na produção científica da área.

O debate aqui proposto se aproxima da corrente apresentada por Nucci (2018) chamada “estudos de gênero e ciência”. Segundo a autora, estes estudos podem ser divididos em duas vertentes: mulher e ciência; e gênero e ciência.

A primeira, que podemos chamar de *mulher e ciência*, preocupa-se em dar visibilidade, interpretar e analisar a presença ou ausência das mulheres na prática científica, chamando a atenção para a exclusão histórica das mulheres na ciência. [...] Já a segunda vertente [...] podemos chamar de *gênero e ciência* [...]. Os estudos da vertente gênero e ciência são mais complexos porque problematizam a própria constituição da ciência moderna [...] são marcados [...] pela reflexão em torno da forma através da qual a ciência alimenta as hierarquias de gênero na sociedade. (NUCCI, 2018, p. 3, grifo da autora).

Com base nisso, ao seguir pelos estudos históricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, os autores deste artigo questionam o porquê de algumas mulheres passarem quase despercebidas na formação profissional e acadêmica da área, mesmo que estas tenham contribuído para o avanço tanto da Biblioteconomia quanto da Ciência da Informação. Além disso, a autora deste artigo, como bibliotecária brasileira, sente necessidade de um espaço de discussão sobre a temática no nosso país. Entende-se que precisamos de um “lugar” onde seja possível discutir acerca das mulheres que contribuíram com a história, as teorias e as epistemologias da Biblioteconomia e Ciência da Informação, por meio da discussão sobre a relação mulher e ciência, e gênero e ciência, conforme apontado por Nucci (2018).

A partir destas reflexões, o objetivo deste artigo é discutir a influência das relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia no contexto do movimento da Escola de Chicago. A Escola de Chicago na Biblioteconomia é uma variante do movimento ‘Escola Sociológica de Chicago’, que surge por volta da década de 1920 por entusiastas do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. De acordo com Martins (2013), os docentes envolvidos com o Departamento não estavam preocupados com a criação de um movimento intelectual, mas seus interesses de pesquisa aproximaram estes pesquisadores de modo que a comunidade científica os caracterizou como membros deste movimento

epistemológico, acadêmico e político.

Com base na afirmação de Eufrásio (1995, p. 49), podemos identificar “várias ‘Escolas de Chicago’, cada uma com feições próprias e mesmo completamente divergentes em aspectos fundamentais: a de filosofia, a de sociologia, a de ciência política, a de economia” e, neste caso, também é reconhecida a Escola de Chicago de Biblioteconomia. Nesta área, conforme apontam Vieira e Karpinski (2018), o movimento foi influenciado por três correntes epistemológicas que são: o pragmatismo, a partir dos estudos de John Dewey; o marxismo da Escola de Frankfurt, especialmente nos estudos de Adorno e Horkheimer sobre a cultura de massa e a indústria cultural; e o método sociológico de Émile Durkheim.

Ainda no contexto biblioteconômico, Vieira e Karpinski (2020) destacam os profissionais que lecionaram no *Graduate Library School*, o Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Chicago entre as décadas de 1930 e 1960: Lee Pierce Butler; Leon Carnowsky; Carleton Bruns Joeckel; Frances Elizabeth Henne; Lester Eugene Asheim; Margaret Elizabeth Egan e Jesse Hauk Shera. Destes, Lee Pierce Butler e Jesse Hauk Shera são os autores mais citados pela comunidade científica brasileira da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, especialmente no campo epistemológico. O primeiro por ter proposto a Biblioteconomia como ciência (BUTLER, 1971) e o segundo por ser responsável pelo desenvolvimento do conceito de Epistemologia Social (SHERA, 1977). Entretanto, o que nos chama a atenção neste fato é que as duas mulheres que também possuem trajetórias de destaque no contexto epistemológico da área nos Estados Unidos, são pouco citadas no Brasil.

Essa inquietação nos levou a pesquisar a atuação de Frances E. Henne e Margaret E. Egan no movimento intelectual da Escola de Chicago, especificamente na *Graduate Library School* onde foram docentes. Tais nomes, pela nossa compreensão, foram tão protagonistas quanto aos autores comumente citados como representantes do movimento, e suas contribuições figuram no campo teórico e metodológico da área, sem o devido reconhecimento epistemológico. Por protagonismo, assumiremos a definição de Moura no qual.

o protagonismo revela a centralidade e a pertinência da participação social de sujeitos identificados com a ação coletiva necessária à transformação social e à construção histórica. (MOURA, 2017, p. 96).

Neste sentido, buscamos evidenciar o papel dessas mulheres na construção científica da área. Além disso, percebemos como as relações de gênero influenciaram na constituição epistemológica de uma das teorias mais difundidas na Ciência da Informação no Brasil, a Epistemologia Social, no caso de Egan, e na invisibilidade de uma das mais importantes

defensoras das bibliotecas escolares, no caso de Henne.

Metodologicamente, este artigo é um estudo descritivo e qualitativo, uma vez que se preocupa em estudar características de um determinado grupo, levantando “as opiniões, crenças e atitudes [...] descobrindo associações entre variáveis” (LIRA, 2014, p. 23) e por meio de informações não quantificáveis, de acordo com a interpretação do pesquisador. Além disso, este artigo também se caracteriza como uma pesquisa exploratória (LIRA, 2014) pois trata de um fenômeno que ainda não foi abundantemente discutido entre seus pares e que pode contribuir com a formulação de questões mais precisas para a realização de estudos futuros. As fontes utilizadas para a pesquisa são bibliográficas e a discussão se fez por meio do método histórico. Para Marconi e Lakatos, “o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos” (MARCONI; LAKATOS, 2020, p. 108-109).

Estruturalmente, o artigo apresenta uma breve biografia e principais áreas de atuação de Egan e Henne, a fim de situar o leitor sobre estas duas pesquisadoras da Biblioteconomia. Na sequência, discutimos o ofício do ‘feminino’ na ciência e problematizamos as relações de gênero identificadas no movimento da Escola de Chicago.

2. Mulheres na *Graduate Library School*: biografia e áreas de atuação de Henne e Egan

Fundado em 1926 e com as atividades iniciadas a partir de 1928, o *Graduate Library School*, vinculado à Universidade de Chicago, foi o primeiro departamento a oferecer o curso de doutorado na área da Biblioteconomia. Muitos profissionais passaram por este departamento e contribuíram para a construção de uma perspectiva humanística na área, ao uso de tecnologias, à abordagem social, aos estudos de usuários, à relação com a área da Comunicação e Sociologia. Além de uma das principais defesas do movimento intelectual intitulado Escola de Chicago: a Biblioteconomia científica com base em uma Epistemologia Social. Neste artigo, como já dito, a discussão se pautará especificamente em Frances Henne e Margaret Egan, apresentadas na sequência.

2.1 Frances Elizabeth Henne

Frances Elizabeth Henne nasceu em 11 de outubro de 1906, em Springfield, Illinois. Foi apresentada à área enquanto trabalhava na *Lincoln Public Library*, formando-se em Biblioteconomia pela *Columbia University* e atuando, a partir de 1939, como docente na *Graduate Library School*.

Para Sullivan (2003), a principal contribuição de Henne para a área foi a liderança imaginativa dada ao ambiente da biblioteca escolar. Esta liderança, segundo a autora, tinha como foco o desenvolvimento de padrões para bibliotecas escolares bem como o esforço em tornar este ambiente como um “centro de mídia instrucional”, indo além dos livros.

Em 1955, por exemplo, Frances Henne, juntamente com Frances Lander Spain, publicou um artigo sobre a relação entre bibliotecas públicas e escolares, a fim de identificar possíveis cooperações entre ambas (HENNE; SPAIN, 1955). Neste aspecto, destaca-se o caráter pedagógico da biblioteca e a possível inserção do(a) bibliotecário(a) no campo da Educação.

Frances Henne também fez parte de movimentos associativos durante sua carreira profissional. Neste sentido, se destaca sua participação na *American Association of School Librarians* de 1945 a 1947, ocupando a posição de vice-presidente em 1947 e 1948, e de presidente na sequência, de 1948 a 1949 (KESTER; JONES JR, 2004).

Já com 79 anos, Henne faleceu devido a uma esclerose lateral amiotrófica, também conhecida como doença de Lou Gehrig. Todavia, Kester e Jones Jr. (2004) ressaltam que a influência e a contribuição de Henne no que tange à biblioteca escolar é indiscutível, ainda que sua voz física tenha sido silenciada pela enfermidade.

2.2 Margaret Elizabeth Egan

Em 14 de março de 1905, Margaret Elizabeth Egan nasceu em Indianapolis, Indiana. Bibliotecária e estudiosa da Bibliografia, atuou na *Cincinnati Public Library*, foi professora na *Graduate Library School* de 1943 a 1955, e encerrou sua carreira na *Western Reserve University*, em parceria com seu colega Jesse Shera.

É como colega de Shera, especialmente na constituição da teoria da Epistemologia Social, que Egan se tornou conhecida na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Porém,

conforme ressaltou Morán (2015), Egan era estudiosa da Sociologia, principalmente do funcionalismo estrutural de Talcott Parsons e das concepções do filósofo John Dewey, principais influências na abordagem teórica da autora.

Além de Morán (2015), Furner (2004) também evidenciou a participação de Egan na concepção da teoria da Epistemologia Social, muitas vezes, creditada apenas à Jesse Shera. Zandonade (2004) mencionou sobre a aproximação da comunicação gráfica, presente na teoria da Comunicação, como uma das áreas abordadas pela autora durante sua produção acadêmica.

Margaret Egan faleceu repentinamente, aos 53 anos, devido a um ataque cardíaco no ano de 1959. Com isso, embora tenha contribuído de maneira significativa para a idealização da teoria, os estudos da Epistemologia Social não estavam completos, e foi Shera que deu continuidade à pesquisa.

3. Desdobramentos do ofício “feminino”: embates em torno dos lugares das mulheres na pesquisa teórica

Historicamente, a inserção das mulheres no âmbito da pesquisa científica é vista como uma conquista alcançada no século XX, ainda que algumas exceções de datas anteriores sejam, aos poucos, redescobertas (BLAY, 2010). Além disso, é necessário apontar que, mesmo com a inserção das mulheres na ciência, esta introdução se deu de forma gradual e nem todas as áreas do conhecimento tiveram igual receptividade.

Para Grossi *et al.*,

O afastamento das meninas nas carreiras científicas ditas como duras pode estar relacionado à edificação social do gênero. O que os homens devem ser e saber fazer socialmente foi construído histórica e socialmente de forma dicotômica. Às mulheres, na mesma medida, foram associadas características como delicadeza, zelo, afetividade. (GROSSI *et al.*, 2016, p. 18).

Este direcionamento da mulher para atuar em determinadas áreas científicas também é percebido quando olhamos para a história da Universidade de Chicago. Frances Henne, por exemplo, foi a primeira docente a integrar o grupo da *Graduate Library School*, apenas em 1939 sendo que o departamento iniciou suas atividades em 1928.

Além disso, Olinto (2011) alerta para o fato de que há mecanismos sutis, no ambiente científico, que criam barreiras para a progressão profissional da mulher. Em entrevista para a Revista Estudos Feministas, Shirley Mahaley Malcolm comentava

[...] você só pode mudar a direção do barco estando do lado de dentro. E se você quiser mudar algo, se quiser usar a ciência e tecnologia para fazer a diferença de que precisa essencialmente, você precisa ser parte disso (MALCOLM apud RIAL; GROSSI; LIMA, 2006, p. 703).

Todavia, apenas fazer parte do ambiente científico não é o bastante, é preciso buscar o reconhecimento pelos seus pares. Neste sentido, se retoma a afirmação de Blay (2010) de que perante um cenário competitivo, a falta de autopromoção das mulheres pode fazer com que elas se tornem mais facilmente esquecidas pela comunidade científica, ainda que tenham sido responsáveis por importantes produções dentro de suas áreas de atuação.

Neste caso, podemos aproximar o problema da autopromoção na divulgação da teoria da Epistemologia Social. Ainda que o texto tenha sido publicado exclusivamente sob a autoria de Jesse Shera, a comunidade científica não dá o devido crédito à Egan na concepção desta teoria.

Por estas questões, concordamos com Kovalski, Tortato e Carvalho (2013) que afirmam que devemos nos voltar às histórias das nossas precursoras como forma de não ficarmos à margem das desigualdades do nosso tempo. Afinal, compreender e identificar a questão do gênero tanto na história da ciência quanto na estrutura social contribui para que nós não nos tornemos pessoas e pesquisadores insensíveis a estas relações.

3.1 O protagonismo de Henne nos estudos sobre a biblioteca escolar

A primeira mulher a atuar como docente na *Graduate Library School* e fundadora da *American Association of School Librarians*, ainda que reconhecida como uma das 100 pessoas mais importantes da Biblioteconomia do século XX, pela *American Libraries* (1999), é pouco conhecida no Brasil. Henne foi pioneira na utilização de materiais não impressos em bibliotecas escolares e, em seus escritos, não se distanciava da abordagem social proposta pela Escola de Chicago. Ao relacionar a biblioteca pública com a biblioteca escolar, ressaltava que, muitas vezes, era por meio da biblioteca pública que as crianças possuíam maior acesso aos livros e a este tipo de unidade de informação, evidenciando a falta de acesso à educação (HENNE; SPAIN, 1955).

Para Kester e Jones Jr. (2004), Henne deixou um legado teórico e prático aos profissionais que atuam na acerca da biblioteca escolar. Isso porque, ainda de acordo com os autores, sua contribuição está presente no processo de serviços padronizados no contexto

escolar, no debate sobre o papel de expansão da escola e de recursos informacionais para além do livro impresso. Nesse sentido, as discussões iniciadas por Henne relacionam o aspecto técnico da Biblioteconomia e o espaço pedagógico da Biblioteca Escolar, fatores que continuam a fundamentar a atuação dos bibliotecários neste tipo de unidade de informação.

Nos Estados Unidos, o legado deixado por Henne é reconhecido anualmente desde 1986, quando se criou o Frances Henne Award. Esta premiação reconhece bibliotecários escolares que promovem a liderança em seus ambientes de atuação de modo a envolver alunos, professores, gestores e a instituição como um todo (AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS, 2020).

As últimas ganhadoras do prêmio, Andrea Trudeau, em 2020, e Holly Schwarzmann, em 2019 foram premiadas pelo seu engajamento profissional, criatividade, colaboração, inovação, além de trazer diversão para as atividades educacionais, como o processo de alfabetização e mediação da leitura. Algumas dessas atividades eram defendidas por Henne a fim de que a biblioteca escolar se tornasse um espaço pedagógico inclusivo.

No Brasil, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), fonte de pesquisa nacionalmente reconhecida e que abriga publicações de 1972 em diante, não se encontra nenhum artigo/trabalho sobre Frances Henne. Em contrapartida, ao fazermos buscas sobre biblioteca escolar na mesma base, temática na qual Henne teve destaque em sua atuação profissional, mais de 500 trabalhos são recuperados.¹ A que devemos esse distanciamento entre uma das precursoras dos estudos voltados à Biblioteca Escolar e a produção científica da área no Brasil?

O que se percebe é que, mesmo o Brasil apresentando uma robusta produção científica voltada à biblioteca escolar, não se difundiu ainda o nome de Frances Henne. Os autores deste artigo, inclusive, embora já desenvolvessem pesquisas no âmbito da biblioteca escolar, só a identificaram como especialista e precursora de discussões na temática, ao estudar o movimento da Escola de Chicago. Ainda assim, no próprio movimento, seu nome não figura em destaque, uma vez que quando se fala na Escola de Chicago os nomes comumente destacados são o de Shera, Butler e Asheim. Ainda que seu protagonismo seja reconhecido até hoje pela *American Association of School Librarians*, não o é no escopo dos estudos históricos e epistemológicos

¹ Busca realizada de forma ilustrativa em <https://brapci.inf.br/> a partir dos termos “Frances Henne” e “biblioteca escolar” no campo “título, palavras-chave e resumo” no dia 08 de fevereiro de 2022. Para o primeiro termo o resultado foi ‘zero’, para o segundo termo o resultado foi ‘528’.

da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Sendo assim, Frances Henne é uma pesquisadora que deveria constar nos estudos sobre a história das bibliotecas, tanto pela sua atuação no aspecto político – fundando associações e lutando pela implantação das bibliotecas escolares –, quanto na sua concepção teórica e técnica alinhada à educação inclusiva. Essa constatação serve, especialmente para o Brasil, ainda que sua contribuição apareça diluída em nossa produção intelectual sobre a biblioteca escolar.

3.2 Egan, Shera e a Epistemologia Social

Como já mencionado, um dos colegas de Egan foi Jesse Shera, tanto durante sua estadia na *Graduate Library School* quanto na *Western Reserve University*. Segundo Wright (2013), Margaret Egan apoiou a ida de Shera à *Western Reserve University* e, posteriormente, foi Shera quem a convidou para atuar nesta universidade ao perceber que o movimento em Chicago estava enfraquecido. Ali, ambos viram uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento de uma nova teoria para a Biblioteconomia, a Epistemologia Social. A expertise de Egan em Sociologia e o seu interesse nos estudos de John Dewey reforçam a influência da autora na concepção inicial desta perspectiva.

A primeira menção ao termo ‘*Social Epistemology*’ data de 1952, numa publicação de autoria principal de Egan, e coautoria de Shera, intitulada ‘*Foundations of a theory of Bibliography*’. Porém, as perspectivas de ambos os autores eram, em partes, divergentes. Em discussões iniciais entre os pesquisadores, Shera não via relação entre a Sociologia e a Biblioteconomia, uma vez que considerava esta última como uma área de perspectiva aplicada, sem espaço para discussões de cunho sociológico. Mas, com o tempo, ao amadurecer a proposta de Egan sobre uma possível relação entre Sociologia e Biblioteconomia, Shera passou a incorporar o caráter social da área em seu discurso, sem negar a aplicabilidade da mesma. (MORÁN, 2015). Com o falecimento de Egan em 1959, Shera publica, em 1961, o texto ‘Epistemologia Social, Semântica geral e Biblioteconomia’ (SHERA, 1977).

Ora, aqui se fala de uma nova teoria a ser lançada, entre as décadas de 1950 e 1960, em meio às discussões iniciais da Ciência da Informação, que define uma base epistemológica para a Biblioteconomia. O fato da Epistemologia Social ser publicada sob o vínculo institucional da *Western Reserve University* quando a Escola de Chicago estava enfraquecida, e o tempo que levou desde a aparição do termo, em 1952, até a publicação em si, em 1961, aponta um cuidado,

por parte dos autores, no desenvolvimento de uma teoria consistente.

Além disso, segundo Wright (2013), foi Egan quem incentivou Shera a ingressar na *Western Reserve University* como oportunidade para o desenvolvimento de estudos que, em Chicago, não estavam mais surtindo efeito. Com base nas pesquisas realizadas sobre a Epistemologia Social, é possível inferir que o ingresso de Shera na universidade e, em sequência, o de Egan, foi uma decisão estratégica com vistas à publicação da Epistemologia Social.

De acordo com Morán (2015), Shera deixou explicitada a contribuição de Egan, e creditou a ela a originalidade da Epistemologia Social em uma resenha biográfica sobre a colega no ano de 1978. Por fim, seja pelo fato da publicação ter ocorrido após o falecimento de Egan tendo Shera como o único autor do texto, seja pelo prestígio que Shera já possuía entre seus pares naquela época, ainda hoje se tem Shera como o principal autor da Epistemologia Social perante nossa comunidade científica.

Esse fato é corroborado, por exemplo, quando buscamos, na BRAPCI, artigos relacionados à Egan e à Epistemologia Social. Sobre a autora recuperamos sete artigos e sobre o termo que ela contribuiu para sua constituição o total é de 110 documentos recuperados. Já a busca por Jesse Shera na mesma base recupera 18 artigos, o que corrobora ao exposto no parágrafo acima.²

Ao observarmos a produção de tais autoras a partir da busca realizada na *The University of Chicago Press Journal*, editora universitária vinculada à Universidade de Chicago, local onde Henne e Egan desenvolveram grande parte de sua contribuição acadêmica, os resultados são bem diferentes. Ao buscarmos por Frances Henne é retornando um montante de 16 documentos de autoria da bibliotecária, enquanto o levantamento por Margareth Egan, resultou em 18 documentos autorais³.

Obviamente que essa reflexão parte de um contexto que merece maiores detalhamentos, mas para os objetivos desta pesquisa é relevante o fato de que se sabe bem pouco acerca das mulheres da Biblioteconomia da Escola de Chicago no contexto brasileiro. Até porque, comparativamente, ao realizar a busca por Jesse Shera também na *The University of Chicago*

² Busca realizada de forma ilustrativa em <https://brapci.inf.br/> a partir dos termos “Egan”, “epistemologia social”, “jesse shera” no campo “título, palavras-chave e resumo” no dia 08 de fevereiro de 2022.

³ Busca realizada de forma ilustrativa em <https://www.journals.uchicago.edu/> a partir dos termos “Henne, Frances” ou “Henne, Frances E”; e “Egan, Margareth” ou “Egan, Margareth E”, no dia 08 de fevereiro de 2022.

Press Journal, foram retornados 29 documentos, ou seja, apenas 11 textos a mais que Egan, e 13 textos a mais que Henne. Sendo que o autor é mais reconhecido em nosso cenário nacional que suas colegas também atuantes na *Graduate Library School*

4. Para onde vamos ou qual é o lugar do gênero na ciência da informação?

Para Miranda e Schimanski (2014, p. 83) “os estudos feministas formam um campo plural, polêmico e dinâmico, que vem sendo desafiador e tem como característica o autoquestionamento”. Por isso, refletir sobre a atuação de Frances Henne e Margaret Egan nos permite olhar para o passado epistemológico da área com um olhar sensível às relações de gênero. Nesse sentido, fatores que até então se perpetuam como ‘natural’ passam a ser questionados a partir da análise de uma produção científica que contribui para a invisibilidade das mulheres no campo científico. Além disso, possibilita repensar também uma produção que, ao não perceber a segregação da mulher na ciência, não consegue problematizar os dispositivos de poder que tornam essa invisibilidade possível.

Ao utilizar a definição de protagonismo de Moura (2017), que ressalta justamente a pertinência da participação social de determinados sujeitos que, de alguma forma, se identificam com a ação coletiva, é possível colocar as bibliotecárias evidenciadas neste artigo como protagonistas da área, cada uma a partir de sua expertise. No caso de Henne, por exemplo, em seus estudos voltados à biblioteca escolar, a bibliotecária tinha como foco a divulgação de novas práticas dentro deste ambiente. Sua atitude inovadora de fomentar o uso de outros objetos informacionais, para além dos livros, revolucionou a biblioteca escolar.

Dessa forma, tal unidade de informação passou a se abrir para as práticas de mediação da leitura, para a elaboração de processos técnicos padronizados e voltados à realidade da comunidade que utilizaria este tipo de biblioteca. De certa forma, este protagonismo é reconhecido pelos profissionais estadunidenses pela premiação do *Frances Henne Award*. No que se refere ao Brasil, por mais que se destaque a produção científica sobre biblioteca escolar, ainda não se reconhece esta bibliotecária como uma referência para estes estudos.

Já com Margaret Egan, seu protagonismo está na criação de uma teoria que une Sociologia e Bibliografia, inicialmente. Mas, com o tempo, seu protagonismo se esvai diante do reconhecimento de seu principal colega, Jesse Shera, que acaba levando a maior parte do crédito da constituição teórica da Epistemologia Social na Biblioteconomia.

Quando se analisa a relação de Egan e Shera, por exemplo, não é difícil constatar a relação de diferença entre os sexos que prioriza, dá “poder” a um determinado lado (o masculino) caracterizando, portanto, a relação de gênero definida por Scott (1995).

De forma alguma buscamos aqui desmerecer o esforço e o mérito de Shera na constituição da Epistemologia Social, até porque o autor deu continuidade à ideia original da teoria, e reformulou algumas questões de acordo com o seu interesse, conforme bem pontua Morán (2015). No entanto, é preciso reconhecer que Egan teve uma participação significativa na teoria, inclusive dando o nome de Epistemologia Social. Contribuição esta que pouco é difundida pela comunidade científica pelo fato de que a autoria do artigo contendo as reflexões finais sobre a proposta é de Shera, e publicado após a morte de Egan.

É preciso destacar, por meio das palavras de Kovalski, Tortato e Carvalho (2013, p. 12) que “a pergunta crucial não é saber por que tão poucas mulheres foram grandes cientistas, mas porque se conhece tão poucas mulheres cientistas”, especificamente no contexto do movimento intelectual da Escola de Chicago que é discutido pela Biblioteconomia e Ciência da Informação. Com isso, respondendo ao objetivo deste estudo, fica clara a influência das relações de gênero no movimento estudado.

Neste sentido, podemos ainda questionar a presença de mulheres no contexto científico da época, o que contribuiu para a ausência de nomes femininos na discussão da área, caracterizado também pelo número reduzido de mulheres envolvidas com a ciência. Frances Henne e Margareth Egan atuaram de forma mais ativa entre as décadas de 1940 e 1960, período semelhante ao que compreende a popularização do movimento da Escola de Chicago entre os bibliotecários norte-americanos. Mas o censo de 1960 dos Estados Unidos apontava que só 9% dos cientistas naturais atuantes eram mulheres e, se olharmos para as engenheiras, o número é ainda menor, pois não chega a 1%, de acordo com Rossi (1965).

Na publicação intitulada “*Women in Science: Why so few?*”, Rossi (1965) destaca que, ainda que o número de mulheres cientistas tenha melhorado entre 1950 e 1960, a proporção feminina do aumento comparada com o aumento dos homens foi muito menor. Isto evidencia que a falta de acesso das mulheres ao ambiente científico e tecnológico contribuiu para a propagação de uma visão unilateral da ciência, a visão masculina.

Em âmbito nacional, ao pesquisar sobre “A presença do feminino na Biblioteconomia Brasileira”, Xavier (2020) comenta que a figura feminina atrelada à visão dos cuidados do lar,

do marido e dos filhos, foi fator determinante para a admissão tardia das mulheres nas escolas, somada à própria dificuldade da inserção da mulher no Ensino Superior por conta das políticas educacionais. Por razões como esta é possível inferir que ainda que Henne e Egan tenham sua atuação pautada nos princípios epistemológicos do movimento da Escola de Chicago, a baixa representatividade feminina no contexto científico contribuiu para uma melhor repercussão e aceitação do discurso masculino, uma vez que os pares da área eram, em sua grande maioria, homens se olharmos os nomes de importância destacados no projeto de Prado (2020).

Portanto, nos casos apresentados neste artigo, Henne, mesmo indo ao encontro da abordagem social do movimento, não é identificada na literatura científica da área como membro do movimento. Da mesma forma, Egan que publica com Shera, frequentemente associado ao movimento, não é evidenciada como pertencente à Escola de Chicago, embora seja autora da teoria que dá base epistemológica para a Biblioteconomia científica defendida pelo movimento.

O que é curioso é que, em sua pesquisa, Xavier (2020) conclui que a Biblioteconomia estadunidense contribuiu para o desenvolvimento de uma Biblioteconomia brasileira caracterizada pela atuação feminina em função de: a) a aproximação da Biblioteconomia estadunidense com o Magistério (no sentido da figura professora-educadora e bibliotecária-educadora); b) a articulação de movimentos e associações liderados, em sua maioria por mulheres. Ou seja, a própria história de consolidação da Biblioteconomia brasileira se relacionada com o aumento da relação da área com as mulheres no sentido aplicado, mas, seu fundamento teórico, ainda se constitui tendo, como base, o discurso masculino.

Dentro dos estudos históricos da área, é curioso identificar protagonistas femininas tão fortes e, ao mesmo tempo, tão ausentes na nossa formação. E é importante deixar claro que isto é reflexo de uma relação de poder, presente no ambiente científico e acadêmico que, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, priorizava o discurso masculino frente ao feminino. Esta relação de gênero atrelado aos baixos números de mulheres inseridas na história da ciência daquela época contribuiu para que nomes como os de Frances Henne e Margaret Egan, ainda que tenham deixado legados de importância para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, sejam pouco conhecidos pelos pesquisadores da área ainda hoje.

Sendo assim, alertamos para a necessidade da área refletir sobre esta realidade e pesquisar, a partir dos estudos históricos e epistemológicos, outros nomes femininos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. A discussão sobre as relações de gênero no processo

epistêmico pode favorecer a emergência de práticas, teorias e profissionais, sensíveis à diversidade no aspecto de organização, gestão e disseminação da informação.

5. Considerações finais

O presente artigo iniciou ressaltando a falta de estudos históricos envolvendo a presença das mulheres no cenário epistemológico da Biblioteconomia e Ciência da Informação. De forma específica, apresentamos e discutimos a contribuição de duas mulheres estadunidenses que contribuíram, inicialmente, com a Biblioteconomia norte-americana e que tiveram seu legado estendido à Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira, ainda que de forma implícita.

Ambas filiadas ao movimento intelectual da Escola de Chicago, Frances Henne e Margaret Egan desenvolveram estudos importantes tanto no campo teórico quanto técnico. Henne inovou na forma de pensar a biblioteca escolar, transformando-o em um ambiente interativo, social e impulsionador da educação a partir de diferentes instrumentos informacionais. Egan potencializa a discussão epistemológica da Biblioteconomia concebendo, em conjunto com Jesse Shera, a Epistemologia Social, uma das teorias fundamentais ao aspecto científico da área.

Criticamente, foi apresentado e discutido, ainda que de forma primária, as implicações das relações de gênero na constituição epistemológica do movimento da Escola de Chicago. Ademais, a possibilidade de debater brevemente sobre vida e obra tanto de Henne quanto de Egan, em um periódico focado nas questões de gênero é uma forma de contribuir para com a história da Biblioteconomia e Ciência da Informação, fomentando o diálogo interdisciplinar com especialistas dos estudos feministas.

Por fim, ao invés de conclusões, se levantam alguns questionamentos: Quais nomes queremos ver em destaque daqui há alguns anos na Biblioteconomia e Ciência da Informação? Como os diversos grupos estarão (ou não) representados no capítulo brasileiro destas áreas científicas? Esperamos que artigo fomente mais reflexões sobre o caminho trilhado até aqui por bibliotecárias e cientistas da informação e sobre quais as direções devemos seguir nos aspectos relacionados ao gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Referências

- AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS. **Frances Henne Award**. Chicago, 2020. Disponível em: <https://goo.gl/AxmhNh>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- AMERICAN LIBRARIES. **100 of the most important leader we had in 20th Century**. Dez. 1999. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/2582182/100-most-important-leaders-we-had-20th-century>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- AMORIM, Margarete Jacques. **As contribuições de Gabriel Naudé para a sociedade no século XVII e os reflexos dessas contribuições para a biblioteconomia no século XXI**. 2010. 94 f. TCC (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/120796/283736.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- ARAUJO, André Vieira de Freitas. **Sobre a eminência e o eco da Bibliografia: nos astros do método Gesneriano e dos fundamentos do campo**. 2018. 169 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13092018-144446/publico/ANDREVIERADEFREITASARAUJOVC.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- BLAY, Eva Alterman. Mulheres cientistas: aspectos da vida e obra de Khäte Schwarz. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 473, jan. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000200010>. Acesso em: 07 mar. 2021.
- BUTLER, Pierce. **Introdução a Ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971. 86 p.
- EGAN, Margaret E.; SHERA, Jesse H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v. 22, n. 2, 1952. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/617874?mobileUi=0>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- EUFRÁSIO, Mário Antônio. A formação da Escola Sociológica de Chicago. **Plural**, São Paulo, v. 2, p. 37-60, dez. 1995. Disponível em: <https://goo.gl/MMuoNG>. Acesso em: 24 set. 2020.
- FAYET-SCRIBE, S. Você conhece Suzanne Briet?. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, p. 805-815, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/89616>. Acesso em: 07 mar 2021.
- FERREIRA JR., Helio da Silva. Otlet realizador ou visionário? O que existe em um nome?. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 9-16, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1962006000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 mar. 2021.

FURNER, Jonathan. "A brilliant mind": Margaret Egan and social epistemology. **Library Trends**, Los Angeles, v. 52, n. 4, p. 792-809, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1698/Furner792809.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro *et al.* As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas.**, v. 24, n. 1, p. 11-30, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v24n1/1805-9584-ref-24-01-00011.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2021.

HENNE, Frances; SPAIN, Frances Lander. The school and the public library. *In: ANNALS AMERICAN ACADEMY OF POLITICAL AND SOCIAL SCIENCE*, 302., 1955. **Anais [...]** Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/000271625530200109>. Acesso em: 15 abr. 2021.

KESTER, Diane D.; JONES JR, Plummer Aliston. Frances Henne and the development of School Library Standards. **Library Trends**, v. 52, n. 4, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/22218037/Frances_Henne_and_the_development_of_school_library_standards. Acesso em: 15 abr. 2021.

KOVALESKI, Nadia V. J.; TORTATO, Cíntia de Souza Batista; CARVALHO, Marília Gomes de. As relações de gênero na História das Ciências: a participação feminina no progresso científico e tecnológico. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 13, n. especial, 2013. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/5047>. Acesso em: 24 set. 2020.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; EGGERT-STEINDEL, Gisela (Org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios**. São Paulo: FEBAB, 2016. Disponível em: http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/As_contribuicoes_de_Ranganathan.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2020.

MARTINS, Carlos Benedito Campos. O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do interacionismo simbólico. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 217-239, ago. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/dACp1V>. Acesso em: 24 set. 2020.

MIRANDA, Tereza Lopes; SCHIMANSKI, Edina. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. *In: FERREIRA, A. J. (org.) Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2014. p. 66-91. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/btydh/pdf/ferreira-9788577982103-05.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020.

MORÁN, Ariel. Margaret Elizabeth Egan e genealogia da filosofia da biblioteconomia. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 10, n. 1, 2015.

Disponível em: http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/75738/pdf_32. Acesso em: 16 abr. 2021.

MOURA, Maria Aparecida. Narrativas culturais, protagonismo e mundo comum. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira; *et al* (Org.) **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 96-108.

NUCCI, Marina Fisher. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, abr. 2018.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41089/36296>. Acesso em: 23 set. 2020.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil.

Inclusão Social, v. 5, n. 1, p. 68-77. 2011. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667/1873>. Acesso em: 07 mar. 2021.

PASSOS, Mariana Faustino dos. **Estudos de gênero na ciência da informação: análises dos anais do ENANCIB**. 2019. 98 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do. (Coord.) **O tempo da Ciência da Informação**.

Florianópolis, mar. 2020. Disponível em: <https://otempodaci.com/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

RIAL, Carmen Silvia; GROSSI, Miriam Pillar; STEFANELLO LIMA, Betina. Gênero e ciência: entrevista com Shirley Malcolm. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 695-708, dec. 2006. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300007&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 07 mar. 2021.

ROSSI, Alice S. Women in Science: Why so few?: social and psychological influences restrict women’s choice and pursuit of careers in science. **Science**, v. 148, n. 3674, 1965.

Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1716182>. Acesso em: 24 set. 2020.

SALES, Rodrigo de. **A presença de Kaiser no quadro teórico do tratamento temático da informação (TTI)**. 2012. 190 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2012. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103381/sales_r_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 abr. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>.

Acesso em: 10 abr. 2021.

SHERA, Jesse Hauk. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jun. 1977. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SULLIVAN, Peggy. Henne, Frances Elizabeth (1906 – 1985). In: MILLER, Marylyn L.

(Ed.). **Pioneers and leaders in library services to youth: a biographical dictionary**. Libraries

Unlimited. 2003. Disponível em:

https://books.google.com.br/books/about/Pioneers_and_Leaders_in_Library_Services.html?id=JMH7RkYRh0gC&redir_esc=y. Acesso em: 13 abr. 2021.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. **Escola de Chicago e Ciência da Informação**: influências, aproximações e contribuições. Curitiba: Appris, 2020.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. A Escola Sociológica de Chicago e a Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018. Marília, **Anais[...]**. Marília: UNESP, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/846/1400. Acesso em: 24 set. 2020.

WRIGHT, Herbert Curtis. **Jesse Shera**: librarianship and information science. Sacramento: Library Juice, 2013.

XAVIER, Ana Laura Silva. **A presença do feminino na Biblioteconomia brasileira**: aspectos históricos. 2020. 142 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193372/xavier_als_me_mar.pdf?sequence=9&isAllowed=y. Acesso em: 08 fev. 2020.

ZANDONADE, Tarcisio. Social epistemology from Jesse Shera to Steve Fuller. **Library Trends**, v. 52, n. 4, p. 810-832, 2004. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1705/Zandonade810832.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Artigo submetido em: 28 abr. 2021

Artigo aceito em: 07 mar. 2022